

Os outdoors na cidade de Arapiraca: implícitos, explícitos e silenciamentos

Eder Farias de Medeiros

DOI: [10.47573/aya.5379.2.68.5](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.68.5)

RESUMO

Este trabalho é fruto do fascínio que a propaganda exerce no cotidiano das pessoas e tem como objetivo conhecer os efeitos causados nos indivíduos pela propaganda ao ar livre (outdoor), levando em consideração o texto escrito e a imagem a ser interpretada e assimilada, ou não. A pesquisa foi dividida em três capítulos: o primeiro trata a não neutralidade e transparência nos sentidos da linguagem; o segundo refere-se à polissemia e intertextualidade (implícitos, explícitos e silenciamentos); o terceiro, e último, nos reporta o trabalho de campo propriamente dito: implícitos, explícitos e silenciamentos em outdoors na cidade de Arapiraca.

Palavras-chave: linguagem. outdoor. propaganda.

ABSTRACT

This work is the result of the fascination that advertising exerts in people's daily lives and aims to know the effects caused on individuals by outdoor advertising, taking into account the written text and the image to be interpreted and assimilated, or not. The research was divided into three chapters: the first deals with non-neutrality and transparency in the meanings of language; the second refers to polysemy and intertextuality (implicit, explicit and silencing); the third, and last, tells us about the fieldwork itself: implicit, explicit and silencing on outdoors in the city of Arapiraca.

Keywords: language. outdoors. advertising.

A NÃO NEUTRALIDADE E TRANSPARÊNCIA NOS SENTIDOS DA LINGUAGEM

A linguagem não é neutra e nem seus sentidos são transparentes

A capacidade de significar faz parte do ser do homem, à maneira de uma segunda natureza, atua de forma tão silenciosa e 'natural' que raramente merece a nossa consideração. Ela é o cotidiano que nos escapa. Refletir sobre ela é, entretanto, essencial para compreender o ser e o agir do homem (PINO, 1995, p. 37).

Tudo aquilo que se escreve ou se diz carrega sentidos a partir de sua significação histórico-social, e é na trama do seu contexto de produção que a significação se constrói e ganha forma. Com isso, quer se dizer que os sentidos que a fala e a escrita carregam não são configuradas apenas pelas formas linguísticas, mas pelos contextos nos quais a fala e a escrita ganham sentido, embora incontroláveis, podem ser identificados e dizem respeito: à idade, ao sexo, ao país, ao grupo social, ao grau de escolaridade, ao período histórico, à cultura, à profissão, à religião e principalmente à intenção.

Para exemplificar o que se está denominado por contexto de produção da linguagem oral e escrita. A expressão "eu te amo" tem sentidos diversos dependendo de quem diz, para quem diz, em que situação e com que intenção essa expressão é enumerada. Pode ser uma fala entre mãe e filho, entre namorados, entre amigos etc... Outras questões poderiam ser elaboradas, que evidenciariam a dificuldade de atribuir sentido a tal expressão desvinculada do seu contexto,

podendo-se questionar: essa expressão, de fato refere-se a alguém que ama alguém ou, ainda, que sentido está sendo atribuído à palavra amor.

Acredita-se que as afirmações acima são suficientes para esclarecer a afirmação de que os sentidos dos enunciados são construídos no contexto de sua realização e não estão explícitos na sua estrutura linguística. Em outras palavras está se afirmando que a expressão “eu te amo” não tem sempre o mesmo sentido e, por isso, seu sentido não é neutro, está na dependência de fatos e de circunstâncias que extrapolam a estrutura linguística das palavras, das frases e dos textos. Diante do enunciado “eu te amo”, reconhece-se as suas palavras e a sua síntese, mas, apesar destes fatores imporem limites às interpretações, nem por isso tem-se garantia que se pode apreender o sentido dessa expressão.

Tratando, ainda, de questões relativas ao aspecto semântico da linguagem oral e escrita, ressalta-se que, ao enunciar algo, o sujeito apenas indica algo e se expõe às diferentes interpretações. Chama-se atenção para o fato de que não existe um sentido único e controlado para as falas e escritas que constituem as relações entre as pessoas. Ao falar algo, o sentido do que se fala será construído a partir do que se pretende dizer, somado à interpretação de quem recebe tal enunciado. O sentido do que se diz não é o único nem transparente.

Revelando este fato, depara-se cotidianamente com situações em que pessoas reclamam não terem sido compreendidas, razão pela qual são corriqueiras frases como: “você não entendeu o que eu disse? Não foi isso o que eu queria dizer”, “é você que está entendendo desse jeito”, ou “eu disse isso, mas não com esse sentido...”.

Concluindo, enfatiza-se que o trabalho com a linguagem deve levar em consideração o que tão bem coloca Bakhtin (1981, p.85).

Na realidade não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras. Coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

POLOSSEMIA E INTERTEXTUALIDADE: IMPLÍCITOS, EXPLÍCITOS E SILENCIAMENTOS

Polissemia

Polissemia são diferentes movimentos de sentidos no mesmo objeto simbólico.

Um bom exemplo de vocábulo polissêmico é letra que tem no mínimo três significados bem conhecidos: um dos sinais gráficos de alfabeto; o texto de uma canção; um título de crédito. Para a maioria dos falantes não parece ligar entre si esses três significados, já que todos estão relacionados pela ideia de escrita.

Então polissêmico (do Grego poli “muitos” e sema que significa “significado”) seriam as palavras que derivam de uma mesma raiz.

Fenômenos bastante tradicionais em semântica, como polissemia, mostram a riqueza do funcionamento do léxico e sua interação com outros componentes da gramática. Por um lado,

prevê-se, assim, sempre, na representação semântica, um espaço para a variação dos sentidos lexicais em contexto, por outro lado, evita-se que a ideia de sentido das palavras seja produzida inteiramente no contexto a partir de inferências pragmáticas ou textuais. Alguma interação entre conteúdo lexical e contexto deve sempre ser procurada.

Há um processo de ativação, através do qual os elementos semânticos correspondentes a um determinado uso de um item lexical são ativados em contextos específicos. Há, no entanto, uma diferença entre polissemia e polivalência. A polissemia seria estritamente de natureza lexical, ao passo que a polivalência seria de natureza semântica e gramatical. Na verdade, polissemia e polivalência se interrelacionam, pois os diferentes sentidos polissêmicos tendem a ser acionados por diferentes padrões de valência (polivalência), ou seja, itens polissêmicos tendem a apresentar distribuições gramaticais distintas (mas nem sempre). A ideia é que o sentido de um item lexical determina em parte as suas propriedades sintáticas. Então, os sentidos em contexto nascem das recombinações de argumentos e de predicados contidos na representação subjacente do item lexical.

Há um forte papel da valência na variação de sentidos no contexto, e em especial a relação (nem sempre uniforme) entre argumentos semânticos e argumentos sintáticos. Porém, esta relação entre argumentos semânticos e argumentos sintáticos não é uniforme em basicamente dois casos: falha de sobrecodificação e falhas de subcodificação. A primeira ocorre quando, ao menos, um argumento sintático associado a uma unidade lexical não corresponde a nenhum argumento semântico dessa unidade lexical; é o caso das expectativas (como o pronome *it* em *It rains*, no inglês). A subcodificação ocorre quando ao menos um dos argumentos semânticos associados a um item lexical não é representado como argumento sintático como ocorre em “Ele tem bebido” em que o objeto semântico do verbo beber não tem realização sintática (argumento default). A variação de sentidos lexicais no contexto é provocada por diferentes padrões de valência e por diferentes padrões de falhas de ligação.

Segundo Monteiro (2002) a estruturação do léxico depende da forma como se organiza a memória semântica e que fatores identificáveis podem afetar e organizar a memória semântica. Ainda, para o mesmo autor, testes psicolinguísticos indicaram que o nível de letramento e de escolaridade dos falantes pode afetar o tipo de estratégia preferencial que eles usam para evocar a significação de um item lexical: quanto mais escolarizadas mais os sujeitos tenderão a utilizar uma estrutura taxonômica de representação de léxico, ao passo que os mesmos escolarizados tenderão a utilizar estratégias de representação de eventos para a evocação dos significados lexicais.

O centro organizador de toda enunciação, de toda a expressão não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo (BAKHTIN, 1999, p. 118).

Assim, a estrutura conceptual dos sentidos lexicais assegura a possibilidade de intercomunicação, não obstante, a enorme variação dos sentidos lexicais em contexto. Mas, é preciso observar que a recuperação da referência e da identificação do referente de uma expressão também envolve processos anafóricos a nível micro e macro estrutural dos textos coesivamente construídos, além da utilização de recursos extralinguísticos, tais como contexto situacional e o conhecimento cultural e compartilhado, além de pistas pragmáticas. Assim, a referência é de base conceptual, mas, só pode ser identificada, em última instância, a partir de estratégias pragmáticas e discursivas.

Kleiber (1999, p. 46) diz que é possível derivar de diferentes sentidos contextuais um sentido não-referencial abstrato, porém é muito difícil realizar o processo inverso, ou seja, derivar do sentido abstrato não-referencial os sentidos contextuais referenciais e com valor de verdade.

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos. Entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros (KLEIBER, 1999).

Polissemia é o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencente a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com a mesma forma. Portanto não se pode ver a polissemia como 'significados imprecisos e indeterminado' porque cada um desses significados é preciso e determinado: pregar (um sermão) – pregar (= preguear uma bainha de roupa) – pregar (um prego), manga (de camisa ou de candeeiro) – manga (fruto) – manga (bando, ajuntamento) – manga (parede), cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar), cabo (= parte do instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: cabo de faca). A polissemia é, portanto, um fato da língua (BECHARA, 2002).

Assim, deve-se entender polissemia como um fato de língua capaz de fornecer significados precisos e determinados em uma só forma significante, mas com mais de um significado unitário que pertence a campos semânticos diferentes. Pode-se então entender que ao se falar determinado vocábulo com o mesmo léxico, dependendo do contexto, adquire significados diferentes, mas em cada contexto ele é único, preciso e determinado.

Intertextualidade: implícitos, explícitos e silenciamento

Intertextualidade

O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos, que existiram ou existem ao redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis (BARTHES *apud* Koch, 1974: 59).

Assim pode-se entender que um texto para se constituir como tal tem uma estrita relação. Relação radical do seu interior com seu exterior, e é desse exterior que fazem parte outros textos que lhe dão origem, que os determinam com os quais dialogam, que retomam, que aludem ou a que se opõem.

Pode-se então dizer que um texto se forma com o auxílio de outros textos, formando um intertexto no dizer de MAINGUENEAU (1976: 39) “um discurso não vem ao mundo numa inocente solicitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição”.

Na questão da produção do sentido sob um ângulo sócio-semiológico que segundo VERON (1980) é preciso em primeiro lugar considerar três dimensões do princípio da intertextualidade: as operações produtoras de sentido são sempre intertextuais no interior de um certo universo discursivo; a intertextualidade, também, é válida entre universos discursivos diferentes, no processo de produção de um discurso, há uma relação intertextual com outros discursos relativamente autônomos que embora funcionando como momentos ou etapas na produção, não aparecem na superfície do discurso produzido ou terminado. O conhecimento de textos mediadores pode oferecer esclarecimentos fundamentais sobre o processo de produção em si, o processo de leitura, num nível de recepção.

IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS

A intertextualidade é explícita quando há citação da fonte do intertexto. A intertextualidade é implícita quando ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la para construir o sentido do texto, como por exemplo: paródia, paráfrase, ironia.

Mainqueneau (1937) fala do valor da captação e diz que na intertextualidade das diferenças, o texto incorpora o intertexto para ridicularizá-lo, mostrar sua improcedência ou pelo menos colocá-lo em questão, isto é, o que o mesmo autor denomina de valor de subversão.

SILENCIAMENTO

Entenderemos, aqui, o silêncio diferentemente do “implícito”, conforme Orlandi (2002, p.13), e diferenciaremos o silêncio do silenciamento. Nem o silêncio será o já-dito, o interdiscurso ou a memória do dizer, aquilo que já está presente no imaginário e sobre o qual não é necessário produzir novos sentidos, pois sentido já o é – implícito; nem confundiremos o silêncio que significa como falta da fala e que diz por ela, em silêncio, com o silenciamento da censura, do que não deve ser dito, daquilo que deve ser silenciado.

O meio social fala, seja pelo caráter intrinsecamente dialógico do discurso, seja pela “irrupção de acontecimentos” (Mariani, 1998), que são os novos eventos fora da pauta seja ainda pela própria memória, através dos “lapsos”, “atos falhos”, apontados por Pêcheux (1988), ou pelo silêncio, pela lacuna, pela ausência que também fala e significa, pois o silêncio faz parte da linguagem e também significa.

No estudo sobre o silêncio, Orlandi (1993, p. 23) observa-se que os mecanismos de análise que apreendem o verbal através do não-verbal revelam um efeito ideológico de apagamento que se produz entre os diferentes sistemas significantes, dando sustentação, dentre outros, ao “mito” de que a linguagem só pode ser entendida como transmissão de informação, ou como sistema para comunicar. O que leva, por um lado, a estabelecer uma relação biunívoca entre um objeto determinado (verbal ou não-verbal) e o seu sentido e, por outro, a trabalhar não com a materialidade significativa de cada linguagem em si mesma, mas sim, com a tradução do não-verbal em verbal, mascarando as diferenças, a especificidade de cada uma das formas da linguagem. Os estudos sobre as formas do silêncio vêm a um só tempo contribuir tanto à compreensão da materialidade do não-verbal, quanto à ampliação do objeto da Análise do Discurso, ao apontar caminhos para se descrever e entender o não-verbal.

Sobre o processo de significação da imagem, as discussões estão, em geral, restritas a duas vertentes principais: ou se toma a imagem da mesma forma como se toma o signo linguístico, discutindo-lhe as questões relativas à arbitrariedade, à imitação, a referencialidade, ou se toma a imagem nos traços específicos que a caracterizam, tais como extensão e distância, profundidade, verticalidade, estabilidade, ilimitabilidade, cor, sombra, textura, etc, buscando-se a definição de que modo se dá a apreensão (ou leitura) da imagem naquilo que lhe seria específico.

Observa-se que a noção de silêncio não pode ser confundida com o implícito. Ao contrário do implícito (não-dito), que significa por referência ao que foi dito, o silêncio não precisa ser referido ao dizer para significar. O silêncio significa, não fala. Nesse sentido, a autora reafirma

que a matéria significativa do silêncio é diferente daquela da linguagem verbal. E, ao promover, assim, o descentramento da linguagem verbal, abre à discussão as diferentes formas do silêncio no processo de significação.

Com a imagem não é diferente, há imagens que não estão visíveis, porém sugeridas, implícitas a partir de um jogo de imagens previamente oferecidas. Outras são apagadas, silenciadas dando lugar a um caminho aberto à significação, à interpretação.

Ao se interpretar a imagem pelo olhar - e não através da palavra - apreende-se a sua matéria significativa em diferentes contextos. O resultado dessa interpretação é a produção de outras imagens (outros textos), produzidas pelo espectador a partir do caráter de incompletude inerente, eu diria, à linguagem verbal e não-verbal. O caráter de incompletude da imagem aponta, dentre outras coisas, a sua recursividade. Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos de uma imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita.

A interpretação do texto não-verbal se efetiva, então, por esse efeito de sentidos que se institui entre o olhar, a imagem e a possibilidade do recorte, a partir das formações sociais em que se inscreve tanto o sujeito-autor do texto não-verbal, quanto o sujeito-espectador.

O conjunto de elementos visuais possíveis de recorte - entendidos como operadores discursivos - favorece uma rede de associações de imagens, o que dá lugar à tessitura do texto não-verbal. A apreensão dessas relações, por sua vez, revela o discurso que se instaura pelas imagens, independente da sua relação com qualquer palavra.

IMPLÍCITOS, EXPLÍCITOS E SILENCIAMENTOS EM OUTDOORS NA CIDADE DE ARAPIRACA

Ao analisar alguns outdoors na cidade de Arapiraca, algumas evidências são notórias e imprescindíveis no uso deste recurso com fins comerciais. É característica do outdoor estar situado em local de bastante circulação e visualização, pois, a sua exposição requer espaço aberto para que sua verdadeira função seja obtida em sua totalidade, diante do seu público-alvo (a população de um modo geral).

Na cidade de Arapiraca, inúmeros são os pontos em que é encontrado este recurso publicitário: nas chegadas e saídas da cidade, nas rodovias que a cortam e em vários pontos estratégicos da mesma.

Aqui estão analisados alguns outdoors do município de Arapiraca de acordo com o tema proposto neste trabalho:

Praça Nossa Senhora do Bom Conselho – Centro.



A palavra RED (termo de uma língua estrangeira, que significa vermelho) está adornada por corações flutuantes, o que cria um ar romântico, e o outdoor estava exposto no período que antecede as comemorações do dia dos namorados.

O leitor ao ver tal propaganda só consegue associar o termo RED (vermelho) com a marca comercial Redfield se tiver conhecimento prévio da marca referida, mesmo sendo, o leitor, conhecedor do termo estrangeiro.

Fica claro, também, que a propaganda está direcionada a um determinado público-alvo.

Deixa implícito que dar presente da marca Redfield é romântico.

Para as pessoas que não têm conhecimento do termo estrangeiro usado (RED), pode-se fazer a associação do termo com o vermelho destacado na própria palavra, e que as pessoas já têm consigo a associação do vermelho como a cor da paixão.

O silenciamento se caracteriza, uma vez que todas estas informações estão contidas no enunciado da propaganda, ou seja, está implícita e que cada um pode fazer uma análise diferente deste outdoor de acordo com o ponto de vista oriundo de seu arquivo mental, ou seja, conhecimento de mundo e expressá-lo de diversas formas e de acordo com as ideologias de cada um.

Rua Tavares Barbosa – Eldorado



O termo “inverno” dá uma informação que o determinado concurso acontece no segundo semestre do ano, período chuvoso do ano, o que revela também que é a segunda edição anual do concurso.

O enunciado “ensino à distância” traz uma outra informação: a metodologia do ensino oferecido não é a presencial.

O enunciado: seu futuro está de inscrições abertas, nos direciona para as diversas oportunidades de profissão que estão sendo ofertadas pela referida universidade, pois o futuro em si, não precisa de inscrições para existir.

O futuro especificado na propaganda sugere a necessidade de estudar e evidencia que um curso superior pode assegurar um futuro melhor.

Rua Tavares Barbosa – Eldorado



A referida propaganda do estabelecimento comercial, por ser no período de Copa do Mundo faz uma associação com a seleção brasileira de futebol Penta Campeã Mundial de Futebol (1958 – 1962 – 1970 – 1994 – 2002) tornando-se a maior vencedora de títulos mundiais entre todas as seleções, além de encantar a todos com seu futebol arte e alegre de ser, um fenômeno se que renova a cada geração e apaixonava a todos os brasileiros.

Uma vez que a imagem contida ao lado da frase é o escudo da seleção, mostrando que, como a seleção brasileira, o estabelecimento comercial neste período junino é show e é também um fenômeno, pois possui títulos importantes como: preços baixos, qualidade no atendimento, diversidade de produtos, proporcionando aos seus clientes total comodidade e satisfação.

Praça Lions



Ser campeão é ser vencedor, acumular vitórias, superar obstáculos e desafios, algo grandioso que nos torna capazes de fazer ou ser melhores naquilo que fazemos. Na mensagem:

“chegou o cartão campeão” podemos observar que a palavra “campeão” está fazendo alusão ao tricampeão de Fórmula 1 Ayrton Senna, um brasileiro que foi destaque no automobilismo mundial e um grande ídolo para o Brasil, ao mesmo tempo em que evidencia que ao adquirir o cartão as pessoas obterão vantagens de um verdadeiro campeão.

Praça Lions



CCAA não pode ser feito, é uma sigla do nome de um curso de Línguas Estrangeiras. Fazer CCAA é estudar neste estabelecimento de ensino. Este outdoor vem com uma mensagem muito apelativa: “Faça CCAA ou então esqueça”. Está explícito que ou você faz o curso de língua estrangeira desejada neste estabelecimento de ensino ou então é melhor desistir. Temos implícita a informação que se você estudar no CCAA não esquecerá jamais, ou seja, aprenderá definitivamente, ao contrário de outras escolas que você estuda e com o decorrer do tempo esquece. Podemos perceber a presença do silenciamento diante da comparação feita entre a qualidade desta escola com as demais, querendo nos mostrar que esta é a melhor escola de idiomas de todas.

AL 220.



Neste outdoor temos algumas informações implícitas:

- O coração, logomarca do estabelecimento comercial (supermercado) mostra que tudo vem do coração é bom: é a emoção que predomina, algo que só faz bem, que há amor.
- Ao afirmar: “O cartão do seu coração” mostra que é o cartão preferido e que é especial para seus clientes.
- A frase: “Breve Hiper Unicompra”, faz alusão a algo grandioso que está por vir logo, um

supermercado que tem de tudo, maior variedade e menor preço.

- O cartão de compras é hiper por ter uma maior aceitação e inúmeras vantagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade consumista, a propaganda é um instrumento indispensável como meio de persuadir, procurando atrair pelo que é novo e está na moda. Para tal, faz-se uso de alguns elementos linguísticos: implícitos e silenciamentos que aqui foram observados pela sua constante presença nos outdoors de Arapiraca. Por ser considerada a segunda maior cidade de Alagoas, devido ao seu crescimento constante e pelo porte sociocultural que esta já possui no estado.

Mediante análise dos outdoors estudados, ficou evidenciado as diversas formas de compreensão (silenciamentos). Notou-se, também, que a informação na propaganda é muito diversificada e apelativa, onde o uso de implícitos é constante, pois, além da utilização da escrita, a imagem é muito utilizada, fazendo valer uma imensa carga de informações implícitas que, na maioria das vezes, requer um conhecimento prévio daquele determinado tema abordado.

No decorrer da pesquisa, ficaram claros vários aspectos até então desconhecidos: o que é realmente um outdoor e o que o caracteriza, o papel indispensável de influenciar as pessoas fazendo valer toda sua carga informacional e, os mais importantes, a ideologia, o jogo de ideias que está contido na propaganda de forma tão sutil e às vezes tão expressiva. Vale lembrar que a sua utilização tem o intuito de atingir a todos, no entanto, é direcionado a um público específico, valendo-se de uma linguagem apropriada.

Esse suporte linguístico e publicitário (outdoor), constitui, assim, um amplo campo de investigação sob vários aspectos, visual, linguístico e ideológicos na sociedade como um todo.

REFERÊNCIA

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 3a ed. São Paulo. Hucitec, 1986.

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo. Hucitec, 1981.

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo, Martins Fontes, 1982.

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 6ed. Trad. M. Lahud e Y.F.Vieira. São Paulo, Hucitec, 1929.(ed. consultada: 1992).

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BARTHES, Roland. Novos Ensaios Críticos: seguidos do grau zero da escritura Trad. Heloysa de Lima Dantas e Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974.

BECHARA, Evanildo, 1928 – Moderna Gramática Portuguesa / Evanildo Bechara – 37ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro, Lucerna, 2002.

Desvendando os Segredos do Texto. Ingedore Grunfeld Villaça Koch – 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. A língua inatingível: o discurso na história da linguística. Trad. De Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004
- GRÉSILLON, A.; MAINGUENEAU, Dominique. Poliphonie, proverbe et détournement. Langages, 1984.
- KLEIBER, G. 1999. Problèmes de Sémantique. La Polysémie em Questions. Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça - O Texto e a Construção dos Sentidos. 7a ed – São Paulo: Cintexto, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. Initiation aux méthodes d'analyse du discours. Paris: Hachette, 1976.
- MARIANI, Bethania. O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais. (1992-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- MONTEIRO, José Lemos. Morfologia portuguesa. Campinas: Pontes, 2002.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. As Formas do Silêncio. Campinas: UNICAMP Editora, 1992.
- PÊCHEUX, M..(1975). Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, Ed. da Unicamp, 1988.
- PINO, A. Semiótica e Cognição na Perspectiva Sócio-cultural. Temas em Psicologia. 2, 31-39, 1995.
- VERÓN, Eliseo. A produção de sentido. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1980.